

HISTÓRIA LOCAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

LOCAL HISTORY HISTORY TEACHING

Sandro Miranda Luz¹; Carlos César Pereira Almeida Filho²

¹Licenciado em História pela Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes.

²Mestre em História Social pelo PPGH/Unimontes.

RESUMO

Em tempos globalizados, em que a cultura a cada dia tem se tornado plural, a valorização do que é local se torna uma forma de resgatar a própria identidade dos indivíduos. Diante da possibilidade de se trabalhar com a abordagem da História Local em sala de aula, surgem as seguintes problemáticas que norteiam esse trabalho: A partir de quando a história local se tornou evidente na realidade acadêmica brasileira? Quais são as possibilidades de se trabalhar a abordagem da história local em sala de aula através da disciplina de história? Como esse tipo de abordagem influencia na construção da identidade do aluno? Diante de tais questionamentos, objetivo geral da pesquisa se faz em discutir as possibilidades de abordagens para se trabalhar História Local na escola. Além disso, busca-se também compreender o próprio processo das mudanças de abordagem da ciência histórica ao longo do tempo como ciência autônoma até se tornar disciplina escolar e analisar a importância da História Local na formação escolar do indivíduo no fortalecimento da cultura regional e da identidade e quais as propostas de atividades que podem ser utilizadas em sala de aula para isso na disciplina de história. A metodologia utilizada para a elaboração da presente pesquisa de cunho qualitativo se faz por meio de uma revisão bibliográfica.

Palavras-Chaves: História Local; Identidade; Ensino de História.

ABSTRACT

In globalized times, where culture has become more and more plural, the valorization of what is local becomes a way of rescuing the identity of individuals. Faced with the possibility of working with Local History in the classroom, the following problems arise that guide this work: Since when has local history become evident in the Brazilian academic reality? What are the possibilities of working the approach of local history in the classroom through the discipline of history? How does this type of approach influence the construction of student identity? Faced with such questions, the general objective of the research is to discuss the possibilities of approaches to work Local History in the school. In addition, it is also sought to understand the process itself of the changes of approach of historical science over time as an autonomous science to become school discipline and analyze the importance of Local History in the school's formation of the individual in the strengthening of regional culture and identity and what activity proposals can be used in the classroom for this in the history discipline. The methodology used for the elaboration of this qualitative research is done through a bibliographical review.

Keywords: Local History; Identity; Teaching History.

INTRODUÇÃO

Para Stuart Hall (1995), identidade é o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares, e, por outro

lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar.

Nesse sentido, a educação tem papel fundamental na formação da identidade do sujeito, haja vista que a educação prioriza a formação de educandos conscientes e comprometidos com a realidade histórica em que está inserida.

Logo, pode-se afirmar então que:

O ensino e aprendizagem de História possibilita a compreensão nos sentidos social, cultural, econômico, local e de tempo, quando em contato com obras humanas (REVISTA BRASIL ESCOLA, 2013 *apud* BRASIL/MEC/SEF, p. 49).

Partindo desse pressuposto, Joana Neves (1997, p.23), considera que: “[...] a construção do conhecimento a partir da vivência, portanto, do local e do presente, é a melhor forma de superar a falsa dicotomia entre a produção e a transmissão, entre pesquisa e o ensino/divulgação, enfim, entre o saber e o fazer”.

Nesse sentido, quando se estuda a história de uma região, torna-se possível compreender o processo de desenvolvimento, trazendo à tona soluções para os problemas cotidianos encontrados pela sociedade local contribuimos para a história nacional.

Esse tipo de abordagem histórica, a História Local, desperta a memória de uma sociedade resgatada por meio dos monumentos, histórias de seus moradores, e pelos próprios acontecimentos locais. Para Circe Bittencourt (2004), “a memória é, sem dúvida, aspecto relevante na configuração de uma história local tanto para historiadores quanto para o ensino”¹². Assim, o ensino de História Local pode produzir a inclusão do aluno na comunidade da qual faz parte, criando historicidade e se identificando como pertencente a este local, permitir uma interação com a história local é fazer com que ele identifique suas origens e a importância da sua região em relação à história nacional e global.

De acordo com Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli (2009), de modo geral, as obras sobre história local retomam a história de pequenas localidades e essas são escritas por diferentes segmentos sociais, nem sempre historiadores, assim ocorrem certo descaso dos conteúdos de história local. A partir dessa perspectiva, as autoras afirmam que: “Houve uma valorização, por parte dos historiadores, o estudo da história local refletindo nos parâmetros curriculares nacionais, nos quais enfatizam ati-

vidades relacionadas com o estudo do meio e da localidade”.

Nessa perspectiva torna-se importante observar o fato de uma realidade local poder estar ligada culturalmente, politicamente e economicamente a outras localidades. Como fazer esta ligação a outros lugares, outros países talvez, ou processos históricos mais extensos? Torna-se possível resolver tal questionamento através do desenvolvimento do trabalho de valorização não do que é genérico, mas do que é próprio de cada local, possibilitando emergir os diferentes sujeitos com suas experiências, seus valores, crenças, cultura. Estabelecer continuidades e diferenças evidenciando mudanças, conflitos e permanências, e caso do ambiente escolar, criar no aluno atitudes investigativas, criadas com base no cotidiano, refletindo acerca da realidade local.

Diante das possibilidades de se trabalhar com a História Local, surgem as seguintes problemáticas que fundamentam a presente pesquisa: A partir de quando a história local se tornou evidente na realidade acadêmica brasileira? Quais as possibilidades de se trabalhar a abordagem da história local em sala de aula? E como esse tipo de abordagem influencia na construção da identidade do aluno?

Dessa maneira, para elucidar esses questionamentos, o presente trabalho tem como objetivo geral discutir as possibilidades de abordagens para se trabalhar História Local no espaço escolar. Além disso, busca-se também compreender o processo da história ao longo do tempo e suas transformações como ciência autônoma até se tornar disciplina escolar, como também, analisar a importância da História Local na formação escolar do indivíduo para o fortalecimento da cultura regional e da identidade, apontando quais as possíveis propostas de atividades que podem ser utilizadas para isso no ensino de história.

Justifica-se que o interesse pela história local parte do entendimento que o local na condição de objeto de estudo e de ensino para a formação do sujeito histórico, oferece novas possibilidades de análise, quando confrontando com escalas espaciais mais amplas, como regional nacional e mundial. Assim, considera-se importante debater se essa abordagem histórica vem sendo incorporada ao processo ensino-aprendizagem e como se desenvolvendo, tendo conhecimento das barreiras e limitações que muitas vezes levam o trabalho do docente a pautar-se no senso comum. Além disso, sua im-

¹² Na perspectiva de Jacques Le Goff (1994, p.477), a memória é onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens.

portância se encontra na sua capacidade de trazer à luz reflexões sobre a condição dos alunos entenderem sua própria vida enquanto parte da história, criando em si um cidadão crítico e capaz de modificar o meio em que está inserido através de seu reconhecimento com a própria realidade local.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração da presente pesquisa de cunho qualitativo se faz por meio de uma revisão bibliográfica retomando autores que discutem sobre teoria da História, como José Carlos Reis e Marc Bloch, e autores que discutem sobre história local e ensino de história, como Thaís Nívia de Fonseca e Alison Pain.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um olhar pela história: uma breve análise histórica

Segundo José Carlos Reis, em *História e Teoria* (2006), desde a antiguidade, mais precisamente na Grécia Antiga, entre os anos 1.100 a 146 a.C., a História começou a fazer parte do pensamento do homem, época essa que não existia ainda historiadores oficiais. Todavia, a questão de conhecer o passado já era vista como necessário na construção no modo de vida na Grécia e em seguida, Roma.

Nesses termos, pode-se afirmar que foi na Grécia onde se iniciou o tratamento de história como objeto de pesquisa, fazendo a apartação do que remetiam aos fatos dos que eram tomados como lendas. Heródoto de Halicarnasso (484-425 a.C.), conhecido como o “pai da história”, relatou guerras e se preocupou em conhecer diversos povos, como exemplo: Egito, Península Itálica e Ásia Menor. Assim, durante séculos, a história foi sendo consolidada como importante ferramenta para compreender e constituir sociedades ocidentais. A escrita e o entendimento da história, nesse mesmo período, se adaptaram de acordo com o tempo e eventos históricos. Logo, o homem foi apresentado no centro das narrativas por meio de heróis com intuito de aprender com o passado.

Na Idade Média, por outro lado, a história ganhou outra configuração enquanto campo de pensamento. Segundo Reis (2006), esse período

foi marcado por realidade em que o monopólio do poder se concentrava sob as ordens da Igreja Católica, onde “Deus” era a fonte de explicação do cotidiano, dos fenômenos físicos, racionais e sociais, considerados o fundamento de toda a ordem no mundo. Acreditando numa única verdade, Deus, o centro do universo, a Igreja controlava a vida da população em todos os âmbitos político ou moral, e quem criticasse ou fosse contra a igreja era denominado de “filho herege do diabo” sendo perseguidos, punidos e castigados. O impacto maior do Teocentrismo foi a oposição as ideias científicas e empiristas.

No entanto, March Bloch (2001) considera que foi a partir da expansão marítima no século XV, das quais a economia, política e a cultura sofreram grandes alterações de acordo com o contato de vários povos, que iniciou a era moderna e com ela uma nova concepção de mundo, conseqüentemente da história e sua escrita. A “razão” e o “homem” se estabeleceram em princípios fundamentais para a explicação do mundo fundada no pensamento iluminista, no qual o antropocentrismo passou a ser o ponto central para compreender o mundo da razão e da modernidade¹³.

No entanto, a História enquanto ciência autônoma, com campo metodológico e teórico específico, aparte do grande campo das ciências sociais, somente se consolidou no século XIX com o consenso entre historiadores. Nesse ínterim, os profissionais do campo da história estruturaram-se a partir das ideias liberais pós Revolução Francesa, onde os princípios de liberalismo e nacionalismo se fundamentam para própria formação e maturidade da história como ciência (JESUS; REIS, 2013).

Segundo José Carlos Reis (2006), a partir desse período, o método histórico tornou-se guia e modelo das outras ciências humanas e logo os historiadores adquiram prestígio intelectual e social, pois passaram finalmente a estruturar o conhecimento sobre bases empíricas positivistas, como mesmo teria colocado Leopold von Ranke. A partir dessa investida, deu-se o nasci-

¹³ Segundo o autor todas essas mudanças não ocorreram por mero acaso no campo da história enquanto ciência. Os próprios movimentos intelectuais e sociais que eclodiram nesse processo, como por exemplo, o Renascimento, o Humanismo, a Reforma e a Contra Reforma, o Iluminismo, a Revolução Industrial entre outros, acabaram por transformar o modo de pensar e agir do homem.

mento de uma nova consciência histórica: a que enfatiza as “diferenças humanas no tempo”, pautada no conhecimento das diferenças humanas, em que a história científica deu ênfase ao evento sob a perspectiva do irrepitível, singular, individual, com seu valor intrínseco e único.

Porém, a História como disciplina já havia assim se dado a partir do século XVIII, como mesmo aponta Thaís Nívia de Lima Fonseca (2004), enquanto objeto de estudo na escola, é quase correspondente ao início da Idade Contemporânea, sendo que somente a partir desse período foi que a História começou a adquirir contornos mais preciso, como saber objetivamente elaborado e teoricamente fundamentado.

Katia Maria Abud (2005), no que se refere à história enquanto disciplina no Brasil, aponta que a mesma surgiu logo após quando se formou na Europa, tendo sua origem juntamente com a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Fundação que ocorreu de forma quase concomitante com a do Colégio D. Pedro II, no final da década de 1830, no Rio de Janeiro, através da iniciativa de alguns intelectuais que buscavam criar uma identidade nacional.

Na concepção de Francisco Iglesias (2000), no início, o Instituto apresentou uma linha nativista. No entanto, foram os pragmatismos da história e o gosto pela pesquisa pretendendo fazer uma história que tenha função pedagógica orientadora dos povos para o patriotismo, com base no modelo dos antepassados. É o velho conceito da história como mestra da vida que se cultua. Daí certa insistência em biografias de vultos como exemplares¹⁴.

Katia Maria Abud (2005), todavia, ressalta que durante o governo ditatorial de Getúlio Vargas, no Estado Novo, que houve o entendimento sobre a necessidade de se formar o um novo cidadão e, daí em diante, buscou-se empenhar no regulamento do ensino de História e de Geografia a forma ideal para trabalhar o indivíduo a partir de valores nacionalistas. Segundo Nunes (op. cit., p. 106), após a reforma

no ensino secundário, marcada por aspectos positivos da Reforma Capanema em relação à Reforma Francisco Campos, “a diminuição do ginásio para quatro anos, é que houve o maior interesse dado ao ensino da História e da Geografia do Brasil e da América.” Somente a partir de 1961, com o advento da “americanização”, e que teria ocorrido o tecnicismo na Educação e as matérias de Humanas incorreram no risco de perderem espaço na grade curricular.

Durante o regime militar, entre os anos de 1964 a 1985, Kátia Maria Abud, em seu livro: *A História e o ensino temático a educação*, considera que a educação tinha como finalidade formar um aluno que se ajustasse à realidade e não que a transformasse, tendo como prática tão somente a expansão sem qualificação. Houve neste período a exclusão das aulas de Sociologia e Filosofia do currículo básico, no entanto na área humanas História e Geografia, houve alterações importantes.

Maria Aparecida Quadros Borges (2004), porém, descreve que houve uma reformulação do ensino de História no início da década de 1980, que passou a ser engrandecido pelo próprio avanço dos programas de pós-graduação e, também, pelo surgimento da atual Associação Nacional de História (ANPUH) e da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB). Nesse mesmo ínterim, porém, ocorreu uma busca maior pela produção de uma História Local pelos historiadores de forma geral.

Segundo Oliveira (2003), esse movimento historiográfico da década de 1980 foi resultado das influências postas pela escola dos *Annales* ainda nos anos 20, que ao inaugurar a chamada Nova História, com a renovação e ampliação do conhecimento histórico e dos olhares da história na medida em que foram diversificados os objetos, os problemas e as fontes, passou a atribuir maior atenção às questões regionais, constituindo novas possibilidades de investigação e de interpretação histórica em busca do específico, do próprio e do particular de determinadas localidades.

A História Local, na concepção de Pierre Goubert (1972), é aquela que diga respeito a uma ou poucas aldeias, a uma cidade pequena ou média, um grande ponto ou uma capital estão além do âmbito local, ou a uma área geográfica que não seja maior do que a unidade provincial comum. Para Horn e Germani (2010), a história local pode ser compreendida como aquela que se faz mediante os estudos sobre os pequenos e médios municípios, ou de áreas geográficas não limitadas e não muito extensas.

¹⁴ Na passagem do século XIX ao século XX, o país é abalado por questões políticas que impõem reformas: religiosas, a eleitoral, a militar, a abolição da escravatura e inclusive alterando o regime, com a instalação da República, alterando o pensamento historiográfico brasileiro. O século XX inicia com a Revolta das vacinas em 1904, com a Revolta da Chibata em 1910 e em 1930 vem o Golpe que leva Getúlio Vargas ao poder.

No entanto, segundo Goubert (1972), a abordagem que cerca a História Local nem sempre foi valorizada, sendo que se deu mais importância à história “geral” que era vista e concebida pelos historiadores profissionais. Essa história generalista era política, militar, diplomática, administrativa e eclesiástica. Pois, por exemplo, estudar o estado envolvia o estudo dos estadistas; já sobre guerra possibilitava o estudo das proezas militares dos generais e o estudo da história administrativa, escrita a partir de registros burocráticos, era entendida como sendo o estudo da história de todo um povo.

Nesse caso, se a História Local que antes era tratada com zelo e orgulho, como cita autor Goubert (1972), foi sendo desprezada e sobreposta pela história geral, por seus partidários, e somente a partir da metade do século XX é que a história feita sobre a perspectiva do local ressuruiu. Esse novo ímpeto dado à História Local foi realizado por historiadores como Sebastien Vauban, Messance, Alexis de Tocqueville e Montesquieu e Voltaire.

A história local como proposta de ensino em sala de aula

Mas no que se refere à temática da história local, dão início as questões, como: Para que serve ensinar História Local? Quais as possibilidades de trabalhar a História Local no ensino escolar?

Paim e Picolli (2007) respondem tais questionamentos afirmando que o ensino da história local aborda as questões relativas às especificidades de cada localidade, sendo de grande importância. Pois essa abordagem pode, de diferentes formas, apresentar aos alunos uma história que parta de um acontecimento ou de um cotidiano que eles conhecem empiricamente e, assim, relacionar os acontecimentos locais com os acontecimentos globais.

Nesse sentido, segundo Paim e Picolli (2007), a abordagem que propõe uma História Local torna possível compreender que a realidade histórica de uma dada localidade não está isolada do mundo, mas é parte do processo histórico. Nesses termos, aproximar-se das questões locais é fundamental para compreender as relações existentes entre a região e o restante do mundo. Assim, essa compreensão ajuda a analisar historicamente os acontecimentos, pois proporciona uma visão crítica sobre os fatos, contribuindo desta forma para uma mudança de

atitude com relação à vida.

Não obstante, com relação à abordagem da história local realizada pelo professor do ensino primário e secundário, na acepção de Ossana (1994), enquanto elemento constitutivo da “transposição didática” do saber histórico em saber histórico escolar pode ser vista como uma estratégia de ensino. Para o autor, História Local abordada em sala de aula pode garantir controles epistemológicos do conhecimento histórico a partir de recortes selecionados e integrados em conjunto com o conhecimento. Entre as possibilidades de se trabalhar com essa abordagem está a de produzir a inserção do aluno na comunidade da qual ele faz parte, criando sua própria historicidade e identificação através de propostas de atividades e atitudes investigativas, criadas a partir de realidades cotidianas, facilitando a inserção em atividades que possibilitem trabalhar com diferentes níveis de análise econômica, política, social e cultural.

Nesses termos, Ossana (1994) sustenta a tese de que o trabalho com a História Local no ensino escolar pode ser um instrumento idôneo para a construção de uma História mais plural, menos homogênea, que não silencie as especificidades.

Na verdade, essas propostas já se encontram expressamente nos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais de História e Geografia, que apresentam a História Local como eixo para seleção de conteúdos e métodos de ensino-aprendizagem ao destacarem que:

Ao ingressarem na escola, as crianças passam a diversificar os seus convívios, ultrapassando as relações de âmbito familiar e interagindo, também, com outro grupo social - estudantes, educadores e outros profissionais -, caracterizados pela diversidade, e, ao mesmo tempo, por relações entre iguais. A própria classe possui um histórico no qual o aluno terá participação ativa. Sendo um ambiente que abarca uma dada complexidade, os estudos históricos aprofundam, inicialmente, temas que dão conta de distinguir as relações sociais e econômicas submersas nessas relações escolares, ampliando-as para dimensões coletivas, que abarcam as relações estabelecidas na sua localidade. Os estudos da história local conduzem aos estudos dos diferentes modos de viver no presente e em outros tempos, que existem ou que existiram no mesmo espaço (BRASIL, 1997, p. 35).

Sobre esse entendimento dos PCN com relação ao uso da História Local no ensino escolar, Maria Aparecida Leopoldino Tursi Toledo, em sua obra *História Local, historiografia e ensino* (2010), aponta que sua abordagem se dá em

dois eixos de análise temporal: os movimentos da população que vive na localidade (analisando a chegada dos primeiros moradores, imigração e emigração), cujas informações devem ser coletadas por intermédio de entrevistas e depoimentos dos atores locais; e o cotidiano dos grupos sociais presentes na localidade, visando encaminhar o trabalho escolar para a construção do conhecimento do passado ao valorizar a memória local. Ademais, para atingir esse objetivo proposto pelos PCNs de História, Toledo (2010) considera que as atividades que tomam como base a abordagem da História Local devem ter como problemas aqueles que girem em torno de questões como: origem da família do aluno, período em que chegaram ao lugar, condições de trabalho e valores culturais dos grupos sociais.

À vista disso, para o desdobramento metodológico dessa proposta de atividades com abordagem da história de uma dada localidade por alunos, a construção da historicidade do local, segundo a proposta do PCN, deve realizar-se por intermédio das atividades professorais relacionadas tanto à pesquisa quanto ao ensino com a participação dos alunos e de seus familiares. Por meio dessa ação, espera-se que o conceito de localidade “assuma uma materialidade espacial de relações sociais vivenciadas” (BRASIL, 1996).

Diante dessas propostas que envolvem a abordagem da história local feita por alunos conjuntamente com a comunidade, os PCNs (1996) expõem que:

Espera-se que nesses depoimentos estejam contidas as respostas acerca das seguintes indagações: “de onde vim” ou “de onde minha família veio” (Migração), “onde trabalho” e “como trabalho” ou “como trabalhava” (Trabalho), “como vivo”, quais os “nossos costumes” (Cotidiano), “como festejamos e brincamos” (Festas), entre outros elementos que podem estar presentes nos relatos (BRASIL, 1996, p. 53-55).

O ensino de história, assim como aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), é dividido em alguns ciclos: para as 1ª e 2ª séries (1º ciclo); História local e do cotidiano; para as 3ª e 4ª séries (2º ciclo); História das organizações populacionais, para os 5º e 6º anos (3º ciclo); História das relações sociais, da cultura e do trabalho e nas 7ª e 8ª série (4º ciclo); estudam a História das representações e das relações de poder.

Avaliando essas proposições indicados pelo PCN com relação ao trabalho da história local nos quatro ciclos de ensino fundamental, Bar-

bosa (2006) considera que essa abordagem ganha significado e importância nesse estágio de ensino exatamente pela abertura de possibilidades de introdução adiantado na formação de um raciocínio histórico que abarca não apenas a identidade do indivíduo, mas relacionando-a a toda coletividade, apreendendo as relações sociais que ali se estabelecem, na realidade mais próxima.

Com ressalvas em relação às reformas curriculares de História, e sobre o estudo da História Local, Prats (2001) critica o que pode vir a se tornar “um ensino de História em migalhas”¹⁵. Todavia, concorda com a proposta do ensino baseando na perspectiva da História Local, lançando algumas imposições, dentre as quais estão: não ter como objetivo que o resultado da aprendizagem seja a elaboração da História (com maiúscula), mas iniciar o aluno no método histórico para que ele possa ser capaz de compreender como se constroem os conceitos e as leis sobre o passado; na hora do trabalho com as fontes, sejam selecionadas as mais próximas dos alunos, pois podem ser mais motivadoras e significativas. Além disso, considera ser importante que o estudo da história local dê, na verdade, bases para propiciar explicações da história geral e não mitigá-la diante de sua integralidade.

No outro norte, Luiz Alberto Marques Alves (2006), defende a ideia de História Local, como um processo de construção de identidade, se torna um marco inicial para que o aluno compreenda as diferentes construções indeníveis numa sociedade em permanente mutação. Segundo o autor, essas identidades tanto se referem às raízes, como ao patrimônio, à memória como aos valores, ao presente como ao futuro. Sendo assim não é um dado adquirido, mas é um processo em construção.

Nessa esteira, as publicações locais, escritas por moradores, livros, literatura de cordel, músicas, poesias, fotografias, o patrimônio histórico material e imaterial, os documentos e arquivos, explorar as fontes vivas através de depoimentos orais, devem ser utilizadas dentro do espaço escolar como forma de oportu-

¹⁵ Neste sentido, Prats (2001) faz uma comparação com as reflexões do historiador François Dosse quando este critica a atomização do saber histórico em sua obra *A História em migalhas*. Dos anais à nova história. São Paulo: Ensaio/Campinas: Unicamp, 1992.

nizar o aprendizado da história local. Assim, esse trabalho de valorização poderá se tornar efetivado por meio de aulas dinâmicas que tirem o aluno da rotina de uma aula tradicional marcada pela deficiência dos livros didáticos, utilizando da pesquisa em outras fontes, como documentos, museus, literatura e letras de música, de escritores e compositores locais, o artesanato, a arte e publicações de jornais ou revistas.

Por serem publicações e material de origens municipais, trazem, além da história, a experiência do autor da cidade, e torna-se um objeto de investigação mais interessante, como afirma Rocha (2003):

Um dos caminhos a serem trilhados, para que o ensino de História seja mais eficaz e interessante, é oportunizar ao aluno o contato com documentos de diferentes épocas, com textos produzidos por autores especializados, a leitura e interpretação de obras literárias, pinturas, gravuras, textos jornalísticos que tenham sintonia com os conteúdos enfocados (ROCHA, 2003, p.6).

Posto isso, são diversas as possibilidades do trabalho com a história local como estratégia de aprendizagem, que, segundo Schmidt e Cainelli (2009), tornam possível inserir o aluno na comunidade da qual faz parte, criando nele historicidade e sua identidade; despertando atitudes investigativas, com base no seu próprio cotidiano, o ajudando a refletir sobre a realidade que o cerca e seus diferentes níveis, econômico, político, social e cultural. Assim, a análise sobre esse espaço menor, o local, possibilita ao aluno a visão de continuidade e diferenças com as evidências de mudanças, conflitos e permanências podendo instrumentalizá-lo para uma história da pluralidade, onde todos os sujeitos da história tenham voz.

CONCLUSÃO

Após análise inicial acerca da evolução da história enquanto uma ciência humana, concluiu-se que, após atender as grandes narrativas, aos grandes fatos e as personalidades políticas e militares ligados às questões nacionais, a ciência histórica, influenciada pela escola dos Annales, no século XX, se voltou para o interesse pelas questões locais, regionais e do cotidiano, transferindo essa nova influência inclusive no ensino em sala de aula a partir dos anos 1980 no Brasil.

Além disso, foi possível vislumbrar como uma das possibilidades para o desenvolvimento de atividades com a História Local em sala de aula o trabalho com documentos e materiais auxiliares, como cartas, entrevistas com pessoas das antigas gerações, documentos em arquivos locais que traçam informações sobre a própria comunidade onde se encontra inseridas a escola e o aluno.

Não obstante, com relação à abordagem da história local e do cotidiano em sala de aula foi possível verificar que os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais apontam essa necessidade de análise histórica logo nas primeiras séries iniciais de ensino. Isso, pois, justificado pela importância que se tem de sua presença no desenvolvimento do aluno enquanto “pessoa”, criando a partir dessa abordagem a capacidade de desenvolver um raciocínio histórico capaz de levá-lo a compreender as relações sociais estabelecidas e sua própria identidade diante de sua realidade mais próxima explorada através das atividades propostas.

Por fim, conclui-se de maneira geral, que refletir por meio da História Local não significa romper com a história tradicional ou valorizar uma acima da outra, mas refletir seu valor e aprimoramento e situar o indivíduo enquanto sujeito ativo da história partindo de suas questões mais próximas e cotidianas.

REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. **Currículos de História e políticas públicas**: os programas de História do Brasil na escola secundária. In: BITTENCOURT, Circe. O saber história na sala de aula (org.). 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2005. (Coleção Repensando o Ensino). p. 29-30

_____. **A História e o ensino temático**. In: BLAJ, Ilana; MONTEIRO, John. (orgs.). História e Utopia. São Paulo: ANPUH, 1996.p. 494-498

ALVES, L. A. M. **A história local como estratégia para o ensino da história**. Porto: Universidade do Porto, 2006.

Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8786/2/4880.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

BARBOSA, Vilma de Lurdes. **Ensino de História Local: redescobrimos sentidos**. Saeculum - Revista de História: João Pessoa, 2006.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. Editora Cortez: São Paulo, 2009.

_____. **Os confrontos de uma disciplina escolar: da história sagrada á história profana**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, p. 209, set. 1992/ago. 1993. (Memória, história e historiografia - Dossiê Ensino de História, ANPUH; Marco Zero).

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORGES, Maria Aparecida Quadros; BRAGA, Jezulino Lúcio Mendes. **O ensino de história nos anos iniciais do ensino fundamental**. Revista On-line Unileste-MG. 2004, vol. 1, pp. 04-05.

BRASIL ESCOLA, Revista, 2013 apud BRASIL/MEC/SEF, p. 49

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares da educação**. Brasília: MEC, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2017.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. **História & ensino de História**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 21.

GOUBERT, Pierre. **História Local**, IN: Estudos Históricos Hoje. Ed.by Felix Gilbert e Stephen R. Grabard.N.Y. Norton & Co, 1972. Trad: Marta M. Lago

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1995.

HORN, G. B.; GERMINARI, G. D. **Ensino de história e seu currículo: teoria e método**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

JESUS, Allyson Luiz de Freitas; Reis, Luciene Cordeiro. **Introdução ao ensino de história**. Caderno Didático de História UAB- 1º período, 2ªed.Unimontes, 2013, p. 13-14.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **Memória**. In: **História e Memória**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

NEVES, Joana. **História Local e Construção da Identidade Social**. Saeculum - Revista de História. João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, n. 3, jan./dez. 1997.

NUNES, Maria Thétis. **Ensino secundário e sociedade brasileira**. São Cristóvão (SE): Editora da Universidade Federal de Sergipe, 1999.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Recôncavo Sul: Terra, Homens, Economia e Poder no Século XIX**, Salvador, UNEB, 2003.

OSSANA, Edgardo. **Una alternativa en la enseñanza de la Historia: o enfoque desde El local, lo regional**. In.VAZQUEZ, J.Enseñanza de la história. B.Aires:Interamer,1994

PAIM, ElisonAntonio; PICOLLI, Vanessa. **Ensinar história regional e local no ensino médio: experiências e desafios**. História & Ensino: Londrina, 2007.

PRATS, Joaquim. **El estudio de la historia local como opción didáctica. ¿Destruir o renovadora**. Mérida: Junta de Extremadura, 2001.

REIS, José Carlos. **A história entre a filosofia e a ciência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **História e Teoria: Historicismo. Modernidade, temporalidade e verdade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

ROCHA, Aristeu Castilhos da. **Proposta metodológica para o ensino de história**. Revista de Ciências Humanas, v. 4, n. 4.: Erechim, 2003.

SCHMIDT, M. A.; CAINELLI, M. **Ensinar história**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2009.